

Apenas a matéria vida era tão fina.
Existirmos, a que será que se destina?

*But the matter of life was so thin.
What is the purpose of our existence?*

Neyza Prochet*

Resumo

O texto reflete sobre a complexidade da vida, marcada por dor e beleza, e a capacidade humana de resiliência diante do sofrimento. A partir da teoria de Winnicott, discute-se como o desenvolvimento emocional se dá na relação com o outro, especialmente na infância. A dor e a frustração são fundamentais para a construção da alteridade e da realidade externa através do auxílio materno que auxilia a criança a lidar com a desilusão e as perdas. Por fim, destaca-se que a criatividade nasce da dor, sendo essencial para enfrentar perdas e elaborar o luto.

Palavras-chave: Resiliência. Criatividade. Elaboração do luto. Sentido de realidade

Abstract

The text reflects on the complexity of life, marked by pain and beauty, and the human capacity for resilience in face of suffering. Based on Winnicott's theory, it discusses how emotional development occurs into the field of relational space, especially in childhood. Pain and frustration are fundamental to construct the notions of alterity and external reality through maternal support that holds the child while he deals with disappointment and loss. Finally, the text highlights that creativity is born from pain, thus being fundamental to face losses and process grief.

Keywords: Resilience. Creativity. Mourning process. Sense of reality.

* Psicóloga e psicanalista. Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Mestre e doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. neprochet@gmail.com

Existirmos a que será que se destina?
Pois quando tu me deste a rosa pequenina
Vi que és um homem lindo e que se acaso a sina
Do menino infeliz não se nos ilumina
Tampouco turva-se a lágrima nordestina
Apenas a matéria vida era tão fina
E éramos olharmo-nos intacta retina
A cajuína cristalina em Teresina
(*Cajuína*, CAETANO VELOSO)

Quem nunca se perguntou sobre a vida, com seus enigmas e paradoxos?

Como viver pode ser algo tão delicado – “*matéria vida tão fina*” – e, paradoxalmente, em muitos momentos, provocar tanta dor e tanto sofrimento?

“*Se acaso a sina se não nos ilumina, tampouco turva-se a lágrima nordestina*”.

A música me convoca a perguntar sobre a espantosa capacidade humana de transcender ao sofrimento, de não se curvar à sina e ser capaz de encontrar beleza no outro, na rosa pequenina, na cajuína cristalina e no amanhã que está por vir. De onde veio a força daquele pai para que ele fosse capaz não só de acolher a própria dor como também de consolar o amigo do filho pela perda terrível?

A música também ecoa em minha perplexidade irmanada sobre não saber, seja pelo que nos cabe adiante, seja pelo que está além de mim, pelo novo, pelo diferente, pelo estranho. O que constitui a minha vida? Existe um destino traçado? Qual a minha parte na minha vida? E, também, por que há diferenças tão gritantes nos diversos modos de as pessoas suportarem as perdas, as ausências, os fracassos e as faltas que a vida e o viver apresenta?

Encontro um ponto de partida em uma frase de Winnicott e na fala de um paciente há poucos dias:

Poderíamos usar o termo *existir*, e falar a respeito de existência (...) mas preferimos começar pela palavra *ser*, e em seguida pela afirmação *eu sou*. O importante é que eu sou *não significa nada*, *a não ser que eu*, inicialmente, *seja juntamente com outro ser humano* que ainda não foi diferenciado (WINNICOTT, 1966/1994, p. 9, grifo do autor).

Sabe, não pode ter só um dizendo que é real, é preciso ter dois para aquilo ser real mesmo (Fernando, out. 24).

Começo pelo tempo da descoberta de alguma coisa chamada eu e de todo o resto que envolve aquilo que chamamos vida – um lugar onde, se eu tiver a

sorte de um bom começo, serei capaz de descobrir o sentimento de eu e encontrar aquilo que aprenderei a chamar de outro e de realidade.

“Meu ofício consiste em ser eu mesmo” (WINNICOTT, 1968/1989). A frase indica uma condição permanente, vitalícia. Não hoje, não amanhã, mas sempre. Ser temporalmente, ser no tempo e através do tempo, ser em continuidade – *going on being*.

Tudo o que impossibilitar a constituição ou a manutenção de um senso de continuidade de existência de um indivíduo conduz ao colapso e à vivência de “angústias impensáveis”. Este sentido de existência não é criado apenas pelo indivíduo, de forma isolada, mas pela contínua interação dele com seu entorno e, em especial pela unidade ambiente/mãe que emerge nos primórdios da vida.

Bebês humanos necessitam essencialmente de um bom ambiente para ter um bom começo. Um bebê não pode ser distraído ou incomodado pelo mundo ou por outra pessoa. Necessita poder, despreocupadamente entregar-se à experiência extraordinária de não ser, de ser poderosamente nada e tudo. Necessita viver um estado de indiferenciação entre o que é dentro e o que é fora, entre o eu e o não-eu ou entre fantasia ou realidade, um estado denominado por Winnicott de “estado de onipotência”. É claro que se trata de onipotência dentro da perspectiva do bebê, pois estará no momento mais vulnerável de sua vida, totalmente dependente de cuidados externos, mas faz parte dos cuidados do ambiente não permitir que o bebê descubra isto. Administrar o próprio mundo interno é uma tarefa complexa e para a vida toda e não pode ser iniciada antes que a criança esteja seguramente alojada no interior de seu corpo e já tendo estabelecido alguma diferença entre interior e exterior.

No início, a mãe empresta sua própria capacidade imaginativa ao bebê para garantir que este tenha exatamente aquilo de que ele venha a necessitar, um fenômeno descrito como “preocupação materna primária.” A partir desta provisão inicial, a criança torna-se gradualmente capaz de criar imaginativamente uma ligação entre aquilo que deriva das pressões instintuais e o que acontece conectado a elas, descobrindo um “mundo vivo de movimentos e sentimentos, que nesse momento inicial estaria relacionado à barriga” (WINNICOTT, 1936/2000, p. 93). Vai preservar perto de si o que é sentido como benigno e afastar o que vive como desconfortável ou ameaçador, pelo choro, chutes, gases, na potência de sua motilidade. No esforço em preservar sua vivacidade, o bebê cria gradualmente um sentido de interioridade e exterioridade. (WINNICOTT, 1955/2000).

Winnicott chama de elaboração imaginativa o processo pelo qual o bebê vai organizar e atribuir sentido a uma série de experiências vividas a partir da

sua corporeidade, reunindo imaginativamente sua sensorialidade e impressões afetivas em uma construção que inaugura sua capacidade de representação e de integração psicossomática (WINNICOTT, 1966/1994).

Campos e Fulgêncio Jr. (2020) consideram a elaboração imaginativa um recurso fundamental da natureza humana para dar sentido ao que é vivido e realizar a integração necessária para a existência psicossomática. Trata-se de uma função que também estará “relacionada ao sonho e a toda atividade criativa da qual fazem parte o brincar, o criar, o imaginar e o devanear, atividades que dependem da capacidade de transitar entre o presente, o passado e o futuro, fornecendo subsídio para a memória e para a antecipação das experiências” (p. 317).

Quando somos razoavelmente apresentados ao mundo, em pequenas doses, como diria Winnicott, é possível perceber que “não há nenhum contato direto entre a realidade externa e eu mesmo, há apenas uma ilusão de contato, um fenômeno intermediário que funciona muito bem para mim quando não estou muito cansado” (WINNICOTT 1989, p. 135). Acontece, assim, num primeiro momento, a ilusão da experiência onipotente. Esta ilusão está associada ao estabelecimento do sentimento de EU SOU, uma experiência que inaugura o ser. A ilusão não é um fenômeno que pertença ao domínio do verdadeiro ou do falso, e sim um espaço em aberto, inaugural, onde o percurso humano rumo à realidade compartilhada se inicia. Uma das principais tarefas infantis é a de que a criança crie a realidade externa, de subjetivamente concebida para objetivamente percebida. Para tanto, ela precisa experienciar simultaneamente tanto o confronto da falta, do diferente, do outro (ou seja, o encontro com algo firme e consistente, que a ajude a perceber os limites do eu e do não-eu) quanto à plasticidade (tarefa da mãe em apresentar aquela forma de realidade, num tempo e no modo adequado, que lhe seja possível “digerir”). Uma estrutura complexa, como uma rede, que dê à criança maleabilidade suficiente, amparo suficiente, para que ela não se sinta “despencando” e, ao mesmo tempo, permitindo a existência de espaços vazios que permitam a emergência de um movimento pessoal.

O talento maior da figura materna será o de realizar uma mágica – tornar como fato algo que é totalmente ilusório – e sustentar esta fantasia de onipotência até que a criança possa, enfim, descobrir que se tratava de uma ilusão. A verdadeira beleza e mágica desta ilusão será tornar a desilusão, a frustração, o fracasso e a falta toleráveis, quando estas finalmente puderem ser experimentadas. A expressão “filtro alucinatório materno”, realça o caráter de cuidado, eminentemente protetor, quando a mãe apresenta o mundo a

seu bebê, de tal forma que sustenta a ilusão da criança de ser ela a criadora do mundo que descobre.

A elaboração imaginativa possibilita à criança transmutar a ausência em uma forma particular de presença, transicional, capaz de – concomitantemente – acolher presença e ausência. Winnicott (1988, p. 34-35) assinala a importância de que aqueles que cuidam percebam a importância de que esta experiência torne a criança “apta a lidar com a perda, sem quase perder (em um sentido apenas) o que é perdido”.

Diferente da psicanálise clássica, os fenômenos de ilusão e desilusão em Winnicott (1990) não são tratados como vinculados necessariamente às vicissitudes humanas, mas como protagonistas e fundadores dos processos psíquicos. Desilusão “implica o fornecimento bem-sucedido de espaço para a ilusão” (WINNICOTT, 2000, p. 307) Assim, a desilusão não é tratada como um processo negativo, pois ela só existe se anteriormente tiver existido a ilusão. Desilusão não é a perda da capacidade de ilusão. Significa dar-mo-nos conta de que há uma distância entre aquilo que é vivido dentro de nós e o que é percebido externo a nós, uma lacuna entre o que se percebe e o que se concebe, entre aquilo que compartilhamos e aquilo que apenas a nós pertence. Descobrimos, não o abismo, mas um novo espaço onde um modo diferente de relação com a realidade pode ser estabelecido, um espaço que abranja tolerância e adaptabilidade ao que se apresenta, sem o risco da perda do self e do sentimento de existência pessoal. A brincadeira de achou/sumiu tão querida pelos bebês é um exemplo claro da importância do gesto criativo em acolher as vivências de perda sem a ruptura do sentimento de existir.

Quando o bebê reage, “destruindo” na fantasia a mãe objetiva e não submetida através de gestos e comportamentos verbais e corporais, a mãe precisa sobreviver sem reagir, mantendo, no entanto, sua vitalidade de forma contida e não antagônica. O bebê, desta forma, terá o alívio de descobrir que suas fantasias de destruição são ilusórias e que ele pode ir de encontro a seus sentimentos, sem o terror de destruir os objetos que ama com seu ódio (que também sente). Também poderá descobrir que é suficientemente amado, pois a mãe é capaz de retornar para ele, apesar de seu ódio.

Quando a desilusão é possível sem fragmentação, ela se integra à experiência emocional do bebê permitindo que ele possa reconhecer tanto a mãe ilusória, sua criação de completude e saciedade, como a mãe objetiva, não manipulável, prova do limite de sua onipotência. As falhas maternas forçam a criança a reconhecer e aceitar a existência de elementos além dela, criando, através da dor de sua frustração, as noções de alteridade e realidade externa, ou

seja, a construção da alteridade e da externalidade derivam da compreensão da própria dor.

Birman (1997/2008) faz uma aproximação muito interessante entre os conceitos de sublimação em Freud e criatividade em Winnicott, assinalando que ambos podem ser compreendidos como atos psíquicos onde, ao invés da passividade, o manejo da perda resulta numa ação ativa do indivíduo em relação ao meio, através da criação de novos objetos para a pulsão – uma inscrição efetiva do singular na experiência cultural (FREUD, 1932-36/1974). Criatividade e adoecimento se originam da mesma fonte: a dor infligida pela ruptura, pela perda, pela desilusão ou pelo fracasso. Falando de uma forma simples, a criatividade é condição essencial diante de uma perda. Sem ela, o processo de luto não pode se realizar. É fundamental reconhecer o valor inestimável do encontro com as frustrações e perdas. Se pode submeter, cristalizar o homem, a dor também é capaz de também transcender esta condição. Como diz Ovídio: “Seja paciente e resistente; algum dia esta dor lhe será útil”.

A capacidade criativa restaura as conexões rompidas na experiência dolorosa, projetando o indivíduo para além de sua vulnerabilidade, sem a necessidade de congelá-lo ou blindá-lo. É o recurso que possibilita dar forma, tempo e lugar àquilo que, de outro modo, lhe seria inacessível. Viver implica acolher integralmente as experiências que a vida nos apresenta, de modo que as ausências e presenças coexistam como numa música, onde som e silêncio criam algo cuja unidade o conjunto não anula, em momento algum. Ao contrário, a melodia só existe com a presença de cada elemento.

Debussy acreditava que a música era o espaço entre as notas. Pode-se dizer algo similar da psicanálise. Entre as notas das palavras ditas, que constituem o diálogo analítico, estão as reveries do analista e do analisando. Nesse espaço ocupado pelo interjogo de reveries é que se encontra a música da psicanálise (OGDEN, 2015, p. 103, *apud* PONDÉ; PEIXOTO JR., 2019).

Existir é transitar entre as realidades externa e interna, é estar exposto aos sinais que expressam as repercussões no organismo dos fenômenos associados às situações de perda ou falta. A relação com o mundo não é um fenômeno interno ou externo, nem é marcado exclusivamente pela presença ou pela ausência de algum elemento. O tempo, o mundo, o espaço, são um e muitos ao mesmo tempo porque são vividos de muitas formas, em muitos momentos.

Existir é mais do que estar vivo ou respirar ou mesmo pensar. Lembrando Edson Lannes que nos ensinou sobre a beleza e profundidade da origem das

palavras, procuro ajuda no Houaiss. Existir vem do latim *exsisto*, *is*, *ere* – elevar-se acima de, **aparecer**, **deixar-se ver**, manifestar-se. Uma existência real é uma presença viva, singularizada e reconhecida como tal.

A onipotência experimentada cria na criança uma crença em uma capacidade mágica de transformar o sobrepeso da frustração. Realidade e frustração passam a ser mediadas pela capacidade imaginativa do indivíduo, originária da onipotência experimentada. Sempre que ficar demasiadamente pesada, a realidade poderá buscar um refúgio na fantasia, no sonho, no brincar e na atividade criativa.

A ação primordial da elaboração imaginativa permitirá à criança construir seu mundo interno, além de propiciar o sentimento de responsabilidade a respeito do que ocorre dentro desse mundo. Além disto, também permitirá que a criança possa discernir a distinção entre a fantasia localizada dentro e fora de si mesma, sem impedir o constante intercâmbio e enriquecimento entre ambas” (CAMPOS; FULGÊNCIO Jr., 2020). Isto significa que a realidade com a qual ela vai se relacionar e onde vai viver é uma realidade coconstruída e cocriada por ela, condição que lhe assegura o sentimento de estar viva em sua vida e poder confiar em atravessar e ultrapassar as vicissitudes do viver. A criatividade, herdeira da elaboração imaginativa, pode ser descrita como uma atitude, uma posição ante a realidade externa, posição esta subsidiada pela espontaneidade que apenas a capacidade de confiar oferece e que reflete o modo com que a criança foi apresentada ao meio.

Fará toda a diferença se na relação mãe-bebê estabelecida o bebê é apresentado ao limite e à realidade de uma forma amorosa, consistente e não reativa ou se é apresentado sob a ameaça de mutilação e perda do amor. Do primeiro modo, o movimento instintual do bebê de ir de encontro a algo, converte-se numa experiência que o enriquece com o encontro. “Propiciar ao lactente e à criança aquelas condições que possibilitem as coisas como confiança e ‘crer em’ ...” (WINNICOTT, 1983/1963, p. 88-89), enfim, a capacidade de acreditar, de poder confiar no outro e em si. A qualidade do comportamento materno dá a coloratura (acolhedora ou invasiva) às elaborações imaginativas da criança favorecendo (ou não) a criatividade básica deste bebê.

O sonho de Fernando

Fernando sonha que sua irmã lhe deu um bebê para cuidar, um bebê minúsculo com cerca de 2mm. O bebê minúsculo precisava ficar imerso em água para

sobreviver e foi colocado num compartimento de uma bandeja de gelo e a água precisava ser trocada frequentemente, renovada, para que o bebê pudesse sobreviver. Aflito e inseguro, Fernando perde o bebê numa das trocas de água. Acorda angustiado e sabe que precisa levar o sonho para a sessão.

Chamou-me a atenção sua aflição ligada à fragilidade do bebê e a complexidade do encargo, sentimento análogo ao que sente em relação a si mesmo ao longo da vida, mas nada comento. Pergunto o que pensou sobre o sonho e de sua certeza de trazer para aqui. Faz alguns comentários e, após alguns minutos, lembra-se de uma frase que trago com frequência nas sessões: jogar fora a água do banho e o bebê ir junto. Diz-me que foi exatamente isso que fez. Mandou seu futuro embora. Sente-se sem energia, sem forças e sem perspectivas.

Respondo que não concordo com a ideia dele: – “Não se joga fora o que ainda não existe, o futuro é uma construção a acontecer. Você sente como se existisse um futuro pré-determinado onde não se tem nenhuma ingerência ou responsabilidade sobre ele, apenas obedecer ou perder. O futuro, Fernando, a gente cria. O que você sente como perdido é a esperança em ter um futuro, de algo novo acontecer e de você acreditar que é capaz de lidar com as dificuldades e incertezas que tudo isso implica”.

Fernando se lembra de que tinha muita energia quando pequeno, sentia-se capaz de muitas coisas, mas a partir de um certo momento, percebeu que tinha muitos limites e que havia coisas que jamais seria capaz de fazer ou conseguir, e que dependia de outras pessoas que faziam muito melhor do que ele. Acha que, neste momento começou a desanimar, pois nunca tinha percebido antes, o quanto ele não seria capaz e o quanto estaria na mão dos outros para obter o que precisasse.

Quando menino, fazia atletismo. Ele era muito bom, me disse com ênfase. Amava os treinos, era disciplinado, flexível, mas tudo o que fazia, fazia sozinho. Não se lembra de uma única demonstração de interesse dos pais, um elogio, uma presença em um campeonato, ou apoio quando se machucava, nem mesmo uma singela apreciação. Tinha a impressão de que nada do que fazia era valioso para esses pais. Quando os procurava para conversar, contar de seus sonhos, em especial à mãe, eles não ouviam, ficava no vácuo. Fernando fala literalmente: “Sabe, não pode ter só um dizendo que é real, precisa ter dois para aquilo ser real mesmo. Eu nunca achei que as minhas capacidades eram reais, de verdade. E fui achando que era mentira, inclusive eu e tudo que eu acreditava se perdeu”.

Volta ao sonho e lembra que o bebê era muito frágil como se fosse uma bolhazinha que se desfaz facilmente. Tentava trocar a água onde o bebê estava

com o maior cuidado, com muito medo, mas não adiantou nada o cuidado com o bebê, o bebê se perdeu. Digo que talvez possamos pensar no bebê como na capacidade de confiar no futuro como todo. Um bebê confiança.

Acena que sim, complementando que quando pequeno ele acreditava, e que mais tarde, ao entrar para a faculdade, foi outro momento em que estava animado, feliz, 17/18 anos. Parecia-lhe que ia finalmente conseguir fazer coisas, mas descobriu-se falhando de novo, não sendo capaz de fazer um determinado curso ou fazer uma apresentação oral diante da turma. “Por acaso” lembra que foi também o período onde os pais se separaram. O pai foi embora para uma cidade distante, imerso totalmente em sua nova vida; a mãe, desnor-teada e ausente, e a situação financeira (antes bastante confortável) ficou precária. O sentimento de paralisia geral se instala e perdura por muito tempo. Embora reconheça o caminho que já percorreu ao longo destes anos e que pode construir muitas coisas boas, sente que o que seria/faria/teria de melhor, fica guardado só para si. Emociona-se.

Revive como se sentiu. Perdido, muito confuso, com muita raiva. – “Perdi a oportunidade de ser capaz de focar em uma coisa, me perdi totalmente, mergulhado na revolta. Comecei a trabalhar naquela época porque me dava muito mal com a minha mãe e eu não queria depender dela. Comecei a ganhar meu dinheirinho para as minhas coisas, mas larguei a faculdade e continuei morando com ela, não saí daquele lugar por muitos anos. Engraçado. Todos aqueles anos. Eu dizia que não queria depender da minha mãe, mas continuei dependendo e nada mudou. Não ganhei quase nada. Ela me dizia: – “Fernando você tem de pensar direito. Você tem que fazer uma formação”. Queria ser independente e não consegui.

Ao rever este relato imagino que apesar do desejo de autonomia, havia um outro desejo, aliás a necessidade de ser reconhecido, de ter seus esforços validados, sendo que podia ser.

Apenas no relato desta sessão compreendo que quando o paciente falou sobre jogar o futuro fora, talvez estivesse falando sobre a possibilidade de **ter** um futuro e sair da angústia inimaginável de sempre voltar à experiência primitiva de colapso e desaparecimento. Ao invés de se culpar pela perda do bebê, poder vir a descobrir que ele é o bebê que foi perdido, e que a falha não foi dele, mas de um ambiente que não conseguiu lhe oferecer os cuidados necessários para sobreviver e se integrar. Um pai deprimido e ensimesmado e uma figura materna inábil, pouco investida no bebê. Ambos falharam em reconhecer as necessidades singulares daquela criança.

A natureza, no entanto, decretou que os bebês não possam escolher suas mães. Eles simplesmente aparecem, e as mães têm o tempo necessário para se reorientar e para descobrir que, durante alguns meses, seu oriente não estará localizado a leste, mas sim no centro (ou será um pouco fora do centro?) (WINNICOTT, 1967/1988, p. 4).

Há mães que estão tão imersas em suas dificuldades que não conseguem disponibilizar uma orientação interna a serviço de seu bebê.

No processo de encontro com o meio, um momento crucial é quando a mãe passa a ser percebida objetivamente. Ela precisa ter a disponibilidade de abdicar de seu oriente, oferecendo-o para a centralidade da pessoa do bebê. Desta maneira, quando puder olhar, o bebê vai encontrar o olhar dela e se o olhar dela estiver direcionado para ele, não será a ela que ele irá ver, mas a si mesmo. O primeiro espelho de um bebê é o olhar da mãe. Quando a mãe não está lá, a criança precisará procurar a si mesma em outros aspectos do ambiente e sua capacidade de criar começa a atrofiar-se.

O bebê não olha mais para descobrir e explorar, mas para perceber o ambiente como defesa. Quando a previsibilidade é precária, força o bebê aos limites de sua capacidade de permitir acontecimentos. Isto acarreta uma ameaça de caos e o bebê organizará a retirada ou não mais olhará, exceto para perceber, como defesa. (WINNICOTT, 1967/1975, p. 155).

O conceito de “regressão à dependência” aponta exatamente a possibilidade de serem vividos pontos de agonia cristalizados no desenvolvimento emocional justamente porque estas experiências podem ser comunicadas e testemunhadas por um outro – o analista – que torna real aquilo que foi vivido. São experiências sem palavras e que podem ser lembradas ou através da corporeidade ou através de imagens que darão continente àquilo que precisa ser vivido na presença de alguém.

Também é essencial que se coloque um limite na onipotência destrutiva dos maus objetos do bebê e ele possa perceber que a falha ocorreu a partir das falhas do ambiente e não por culpa sua.

Winnicott considera que a necessidade primordial de um indivíduo é ser a si mesmo e o esforço permanente em continuar a ser e isto só acontece se houver uma pessoa/ambiente que esteja lá desde o princípio para facilitar o desenvolvimento desse processo. Quando o ambiente falha grosseiramente, o colapso acontece. No entanto, como aconteceu antes de o indivíduo estar lá, ou

seja, antes do eu existir, ele não pode se “lembrar”. O medo do colapso é um medo do retorno a um estado não integrado sem sustentação, o que resulta no sentimento de cair para sempre, da perda da capacidade de elaboração imaginativa de suas experiências, acarretando a perda dos laços que integram o psíquico, antecipando um contato aniquilador com a realidade e impedindo o indivíduo de estabelecer vínculos confiáveis.

A possibilidade de “lembrar” será “experienciar esta coisa passada pela primeira vez no presente, ou seja, na transferência. Esta coisa passada e futura torna-se então uma questão do aqui e agora, e é experienciada pelo paciente pela primeira vez” (WINNICOTT, 1963/1994, p. 74).

Como psicanalistas, procuramos ocupar o lugar do rosto que está lá, junto ao bebê e ser o rosto que reflete o que há para ser visto. Acolher e devolver ao paciente o que ele mesmo nos traz, num derivado complexo da função do espelho. Aceitar o papel especular sendo um outro que está com ele, sem, no entanto, se impor a ele ou se ausentar. Poder vê-los tal como são, até que possam fazer o mesmo sozinhos.

Se fizermos suficientemente bem este papel,

o paciente descobrirá seu próprio eu e será capaz de existir e sentir-se real. Sentir-se real é mais que existir; é descobrir um modo de existir como si mesmo, relacionar-se aos objetos como si mesmo e ter um eu para o qual retirar-se, para relaxamento (WINNICOTT, 1967/1975, p. 161).

A música de Caetano Veloso me transmite sobre sua potente experiência de finalmente se conectar e viver integralmente o luto do amigo quando pode estar junto ao pai deste – pai/espelho acolhedor da dor, da elaboração e da esperança naquela perda. Por meio desta dor significada, é possível perguntar-se sobre existir, sobre estar vivo na própria vida e também sobre morrer¹ e, com isso, poder usufruir as múltiplas nuances da “matéria vida tão fina” e tão rica como é a vida real.

1. “...assim como há a necessidade de que o *self* crie e tome como parte de si o tempo, o espaço, o mundo, há também a necessidade de realizar o mesmo com o morrer. Tanto é importante para o indivíduo que entre no mundo humano, quanto é importante que, em um ponto de seu processo, o abandone”. (SAFRA, 1999, p. 155).

Tramitação

Recebido 09/06/2025

Aprovado 13/06/2025

Referências

BIRMAN, J. *Criatividade e sublimação em psicanálise*. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 11- 26, 2008.

CAMPOS, M.R.B.; FULGENCIO JR., L. P. A elaboração imaginativa na origem da vida psíquica e suas implicações clínicas. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 27, n. 2, p. 313-331, agosto 2020. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2021/06/1252512/06-a-elaboracao_marcia_leopoldo_v27_n2_2020.pdf#:~:text=A%20no%C3%A7%C3%A3o%20de%20elabora%C3%A7%C3%A3o%20imaginativa%20foi%20designada%20por%20Winnicott%20para,de%20relacionamentos%20com%20o%20ambiente>. Acesso em: 08 nov. 2024.

FREUD, S. (1932-1936). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos*. Rio de Janeiro, Imago: 1974. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.

PONDÉ, C. de A.; PEIXOTO JR., C. A. O paradoxo da unidade na dualidade: elementos para a clínica dos casos-limite. *Estilos clin.*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 98-110, abr. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282019000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 nov. 2024.

PROCHET, N. *Tempo de criação*. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 2000.

SAFRA, G. *A face estética do self: teoria e clínica*. São Paulo: Unimarco Editora, 1999.

WINNICOTT, D. W. Psicoses e cuidado materno (1952). In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. Sum: Eu sou (1968). In: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 43-50.

_____. O apetite e os problemas emocionais (1936). In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 91-111.

_____. (1955). A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 91-111.

_____. (1936). O apetite e os problemas emocionais. In: *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 91-111.

_____. (1988). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

_____. Moral e educação. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____. (1966). A mãe dedicada comum. In: *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. (1967). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.